

ROMANCE XXI OU DAS IDEIAS

A VASTIDÃO desses campos.

A alta muralha das serras.

As lavras inchadas de ouro.

Os diamantes entre as pedras.

Negros, índios e mulatos.

Almocafres* e gamelas.

Os rios todos virados.

Toda revirada, a terra.

Capitães, governadores,

padres, intendentes, poetas.

Carros, liteiras douradas,

cavalos de crina aberta.

A água a transbordar das fontes.

Altars cheios de velas.

Cavalcadas. Luminárias.

Sinos. Procissões. Promessas.

Anjos e santos nascendo

em mãos de gangrena e lepra.

Finas músicas broslando**

as alfaias das capelas.

Todos os sonhos barrocos

deslizando pelas pedras.

Pátios de seixos. Escadas.

Boticas. Pontes. Conversas.

Gente que chega e que passa.

E as ideias.

(...)

Banquetes. Gamão. Notícias.

Livros. Gazetas. Querelas.

Alvarás. Decretos. Cartas.

A Europa a ferver em guerras.

Portugal todo de luto:

triste Rainha o governa!

Ouro! Ouro! Pedem mais ouro!

E sugestões indiscretas:

Tão longe o trono se encontra!

Quem no Brasil o tivera!
Ah, se D. José II
põe a coroa na testa!
Uns poucos de americanos,
por umas praias desertas,
já libertaram seu povo
da prepotente Inglaterra!
Washington. Jefferson. Franklin.
(Palpita a noite, repleta
de fantasmas, de presságios...)
E as ideias.

Doces invenções da Arcádia!
Delicada primavera:
pastoras, sonetos, liras,
— entre as ameaças austeras
de mais impostos e taxas
que uns protelam e outros negam.
Casamentos impossíveis.
Calúnias. Sátiras. Essa
paixão da mediocridade
que na sombra se exaspera.
E os versos de asas douradas,
que amor trazem e amor levam...
Anarda. Nise. Marília...
As verdades e as quimeras.
Outras leis, outras pessoas.
Novo mundo que começa.
Nova raça. Outro destino.
Planos de melhores eras.
E os inimigos atentos,
que, de olhos sinistros, velam.
E os aleives***. E as denúncias.
E as ideias.

Cecília Meireles. *Romanceiro da Inconfidência*.

**almocafre* – espécie de enxada utilizada na mineração.

***broslar* – decorar um tecido, utilizando fios e/ou ornamentos.

*** *aleive* – acusação feita sem fundamento com o intuito de difamar; calúnia.

a) No “Romance XXI ou Das ideias”, de *Romanceiro da Inconfidência*, o cenário descrito contrasta com o

locus amoenus, típico da poesia árcade. Transcreva um exemplo desse contraste e justifique sua escolha.

- b) Ao longo do “Romance XXI ou Das ideias”, o verso “E as ideias” é várias vezes repetido. A partir das estrofes apresentadas, o que essa repetição indica para a composição do poema?

Resolução

- a) A tópica do *locus amoenus* árcade ou neoclássica caracteriza-se pela paisagem pastoril, bucólica, propícia à fruição de uma vida prazerosa, suave e amorosa, distante dos males causados pela vida urbana e civilizada, que artificializa o ser. Muitos versos extraídos do romance XXI contrastam com o *locus amoenus*, ainda que se mencionem as palavras *campos* e *serras*, pois há a referência ao trabalho do escravizado ou do análogo a essa condição (“negros, índios e mulatos”), à corrida do ouro (“As lavras inchadas de ouro/os diamantes entre as pedras”, à desvastação ambiental (“Os rios todos virados/toda revirada a terra”).

Pode ser também exemplo desse contraste a referência à vida requintada da cidade de Vila Rica (atualmente Ouro Preto): “Carros, liteiras douradas” e até a arte do escultor barroco Aleijadinho (“Anjos e santos nascendo/em mãos de gangrena e lepra (...) Todos os sonhos barrocos/deslizando pelas pedras”).

A referência ao contexto bélico europeu e aos líderes da independência norte-americana (“Washington. Jefferson. Franklin”) a “inimigos atentos”, “olhos sinistros”, “aleives”, “calúnias” e “as ideias” contrasta também com a tópica do *locus amoenus*. Essa é uma pergunta que apresenta também várias possibilidades de resposta.

- b) Esse verso é o fecho de três estrofes do trecho presente nesta questão e é o título desse romance. Essa repetição refere-se ao que é disseminado ao longo do poema: as propostas libertárias dos que fizeram a independência norte-americana (“Washington, Jefferson, Franklin”); a cultura que vicejou na próspera Vila Rica, com a música, as igrejas e estátuas de santos barrocos de Aleijadinho; a estética árcade chegando ao Brasil no contexto do racionalismo iluminista do século XVIII.

O engenho é do tempo da escravatura. Seu Pedro Gomes, o morador mais antigo do lugar, ainda se lembra quando o paiol, perto da casa grande, era senzala. Antes disso, era só um rancho de tropa, na baixada, e mato virgem subindo morro. A casa grande pode-se dizer que é de ontem. Tem pouco mais de cem anos e ainda dura outros cem. (Capítulo 1)

Já viu como lagarta vira borboleta? Elas são a mesma coisa, e ao mesmo tempo não são. Cada uma é uma. Sinhá andou o caminho de diante para trás. Foi a borboleta que virou lagarta. É por isso que eu digo: ela não veio mais a Olhos D'Água, nem em corpo, nem em espírito, nem em pensamento. O corpo não é o dela. É duma pobre velha pedideira de esmola. Ela era bonitona, inteligente, orgulhosa. Quebrava, mas não vergava. A Choca já é vergada e não endireita mais. (Capítulo 13)

Ruth Guimarães. *Água funda*.

- a) No romance *Água funda*, a transformação do engenho em usina indica uma passagem de tempo. Explique, a partir dos excertos, como essa transformação interfere na vida dos trabalhadores da propriedade.
- b) Há, no romance, um paralelismo entre a conversão do engenho em usina e a transformação de Sinhá em Choquinha. Justifique essa afirmação.

Resolução

- a) O romance *Água Funda*, dividido em duas partes temporais, apresenta, no primeiro segmento narrativo, Sinhá Carolina e sua trajetória nas décadas finais do século XIX, em que o engenho era do tempo da escravidão, com seus traços típicos: a casa-grande, a senzala, o espaço destinado à punição física dos escravizados, o terreirão. Na segunda parte do romance, a narrativa situa-se nas primeiras décadas do século XX, período em que a escravização já não existia mais, porém, de acordo com o enredo de *Água Funda*, o trabalho dos operários da Usina ainda se conserva por meio da mão de obra explorada e do árduo trabalho sob regime de regras sem direitos. Desse modo, o regime laboral se mantém de acordo com as feições próximas da época da escravidão, com aparência, no entanto, de trabalho livre.
- b) Em *Água Funda*, o engenho do tempo da escravatura acaba perdendo sua força e, em face da ruína inevitável, transforma-se em Usina, símbolo

da modernidade e princípio da industrialização no Brasil.

Já Sinha Carolina faz um percurso contrário, isto é, de mulher poderosa, proprietária, respeitada em sua autoridade, converte-se em Choquinha, “velha atrapalhadeira”, decadente, pedinte, sem vestígios de seu passado áureo. Desse modo, enquanto a Usina representa a industrialização e o progresso dos engenhos, Choquinha corresponde ao declínio de Sinhá Carolina. Pode-se também fazer o paralelo entre o poderio de Sinhá Carolina e o engenho de sua propriedade, Olhos D’Água, mas a chegada das usinas acarreta a decadência dos anacrônicos proprietários de engenho, a dona de Olhos D’Água virou a “choca”, não tem mais prestígio socioeconômico e moral.

Recentemente, pesquisadores identificaram a presença de Machado de Assis entre os convidados da família imperial brasileira para a missa campal realizada em comemoração à abolição da escravatura. A fotografia mostra participantes da missa ocorrida no dia 17 de maio de 1888 no Campo de São Cristóvão, Rio de Janeiro, com a presença da princesa Isabel, do Conde D’Eu e de outras celebridades do Império, além do escritor (no destaque, circulado).

Observe a fotografia e leia o trecho de *Quincas Borba*:



Antonio Luiz Ferreira. Missa campal celebrada em ação de graças pela Abolição da Escravatura no Brasil, 1888. São Cristóvão, Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles.

“Na esquina da Rua dos Ourives deteve-o um ajuntamento de pessoas, e um préstito singular. Um homem, judicialmente trajado, lia em voz alta um papel, a sentença. Havia mais o juiz, um padre, soldados, curiosos. Mas, as principais figuras eram dois pretos. Um deles, mediano, magro, tinha as mãos atadas, os olhos baixos, a cor fula, e levava uma corda enlaçada no pescoço; as pontas do barão iam nas mãos de outro preto. Este outro olhava para frente e tinha a cor fixa e retinta. Sustentava com galhardia a curiosidade pública. Lido o papel, o préstito seguiu pela Rua dos Ourives adiante; vinha do Aljube e ia para o Largo do Moura.

Rubião naturalmente ficou impressionado. Durante alguns segundos esteve como agora à escolha de um tálburi. Forças íntimas ofereciam-lhe o seu cavalo, umas que voltasse para trás ou descesse para ir aos seus negócios – outras fosse ver enforcar o preto. Era tão raro ver um enforcado! Senhor, em 20 minutos está tudo findo! – Senhor, vamos tratar de outros negócios! E o nosso homem fechou os olhos, e deixou-se ir ao acaso.”

Machado de Assis. *Quincas Borba*.

A relação entre a obra de Machado de Assis e a questão afrobrasileira é complexa. Ao longo do século XX, houve o que a crítica chamou de um “branqueamento” da figura

desse que é considerado nosso maior escritor.

- a) A partir do trecho citado do romance *Quincas Borba*, é possível caracterizar o personagem Rubião como um apoiador do abolicionismo? Justifique sua resposta.
- b) Explique a tensão entre a fotografia e o excerto, considerando a caracterização da sociedade brasileira do fim do século XIX, tal como representada no romance.

Resolução

- a) A cena em destaque apresenta um ajuntamento humano que acompanha curiosamente a leitura da sentença de um criminoso, o qual acaba condenado à força. Detalhe: quem estava sendo conduzido à morte era um negro e quem o levaria à execução era dessa mesma etnia. No meio da multidão que observa essa cena se encontra Rubião, que fica impressionado com o evento, pois era raro ver um enforcamento. Rubião mostra-se, então, não apenas atraído pela curiosidade, mas também movido pela força do coletivo, deixando-se, conseqüentemente, “ir ao acaso”. Ao agir, portanto, como que “de olhos fechados”, revela um descompromisso e uma alienação sociopolítica que o afastam de qualquer vínculo com questões abolicionistas.
- b) A fotografia apresenta Machado de Assis, um afrodescendente, quase escondido em um ajuntamento – prova disso é que só recentemente o escritor foi identificado. Dessa forma, o destaque da cena captada – a missa campal em comemoração à abolição da escravatura – recai sobre os brancos. O excerto de *Quincas Borba*, por sua vez, mostra outro ajuntamento, mas dessa vez o foco de atenção incide sobre negros: o que está sendo condenado à morte e o que executará essa sentença – infere-se que a mando dos brancos. A comparação entre o texto imagético e o verbal revela uma oposição de valores sociais provocados por opressões de natureza étnica que não foram eliminadas com a abolição da escravatura. Tal problemática era condizente com a sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, que veiculava um discurso abolicionista, que comemorava o fim da escravidão, mas mantinha estratégias de apagamento e principalmente de dominação e aviltamento do afrodescendente. Na imagem, essa injustiça se dá pelo escamoteamento da figura de Machado de Assis; no texto, pelo sadismo em transformar em espetáculo o enforcamento de um negro. Conclui-se então que a comparação entre a

foto e o texto revela uma tensão social, na medida em que na primeira o destaque positivo é dado ao branco, estando o afrodescendente escanteado, e no segundo o destaque negativo é dado ao negro, protagonista de um espetáculo bárbaro e grotesco.

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

 OBJETIVO

“(…) O Expressionismo foi uma estética que se manifestou primeiro na pintura, na segunda metade do século XIX, tendo entre seus pioneiros o pintor holandês Vincent Van Gogh (1853-1890) e o pintor norueguês Edward Munch (1863-1944). Em Van Gogh é como se o vigor das pinceladas e a violência das cores passassem a ser mais importantes do que a perfeição geométrica do desenho. Isso porque, para o expressionista, bem mais importante do que fotografar objetivamente a realidade, é expressar (daí o adjetivo expressionista) subjetivamente o choque da realidade no ser humano.”

GOMES, Alexandre Rodrigues. *Cartografia do expressionismo na literatura de língua portuguesa*, 2018. Disponível em <https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/34-14.pdf>.

- a) A partir do texto, aponte dois aspectos da estética expressionista na obra *Os ratos*, de Dyonélio Machado. Justifique a sua escolha.
- b) Os traços expressionistas de *Os ratos* aproximam a obra dos padrões literários do chamado regionalismo de 1930? Explique.

Resolução

- a) Na obra *Os Ratos* (1935) do escritor Dyonélio Machado, podem-se identificar dois aspectos que definem a estética expressionista: 1) a deformação da realidade: a partir da perspectiva perturbada do protagonista Naziazeno, encontra-se a deformação da realidade urbana que o circunda. A descrição vigorosa, intensa e plástica do ambiente citadino pode ser visualizada nos trechos: “Treme o ar, toda a rua treme com o calor, tremem as casas, como um pedaço de paisagem submarina, ondulando através da água movediça” (p.49) e “Naziazeno vê o sol, numa moeda brasa suspensa num vapor avermelhado e espesso” (p.96); 2) a perspectiva passional, como se nota nos delírios do protagonista, é resultado de seus conflitos internos e da violência socioeconômica que vivencia em seu cotidiano. Isso o leva a distorcer a realidade ao seu redor, revelando as emoções intensas, de caráter sensorial e sinestésico e que acabam por definir o modo como a personagem apresenta não somente a realidade ao seu redor, mas a si próprio, como se pode exemplificar no seguinte trecho: “O seu corpo suado fica como que um bloco gelado e dá-lhe a sensação de que

se encolhe, se retrai dentro da sua roupa quente e assoleada, que dela se desapega como duma carapaça” (p.53).

Observação: O vestibulando não tem necessidade de citar o texto. Essa exemplificação é de caráter didático.

- b) O regionalismo modernista de 1930, também denominado de Neorrealismo, representado entre outros por autores como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, se caracteriza pela denúncia das mazelas sociais e pela crítica da miséria e das desigualdades econômicas da região nordestina. Na obra *Os Ratos*, Dyonelio Machado também aborda a realidade excludente que torna o sujeito vítima das circunstâncias socioeconômicas. A denúncia dessa realidade opressiva é realizada por meio da estética expressionista, que é utilizada como um procedimento de deformação da realidade violenta e excludente pela tensão interior, pela subjetividade que acaba por desumanizar e animalizar o indivíduo.

No regionalismo de 1930, ocorre aproximação com a estética expressionista, pois se denuncia a miséria, o coronelismo, sem se preocupar com “a perfeição geométrica”, preferindo-se “a violência das cores”, “o choque da realidade no ser humano”, como se nota nas obras de Graciliano Ramos, de Rachel de Queirós, entre outros.

A artista plástica moçambicana Bertina Lopes (1924-2012) foi a ilustradora da 1ª edição do livro *Nós matamos o cão tinhoso!*, de Luís Bernardo Honwana, publicada em Moçambique em 1964. Assim como Honwana, Bertina participou da luta anticolonial dos moçambicanos contra os portugueses, e suas obras mesclam influências dos movimentos da vanguarda artística europeia do início do século XX com a iconografia africana e os acontecimentos políticos da época.

Com base na imagem e na leitura do livro *Nós matamos o cão tinhoso!*,

- exemplifique, a partir de dois contos da antologia *Nós matamos o cão tinhoso!*, a perspectiva assumida por essa obra sobre a luta dos moçambicanos contra o domínio colonial português.
- aponte um aspecto da obra que se relacione com características da imagem. Justifique a sua resposta.



Bertina Lopes, Ilustração para a capa da 1ª edição de *Nós matamos o cão tinhoso!*, de Luís Bernardo Honwana.

Resolução

- Os sete contos referentes à primeira edição contêm a submissão tensa, inconformada, mas inevitável diante das circunstâncias políticas da então colônia portuguesa Moçambique. Exemplifica essa situação opressiva o conto “A velhota”, no qual o jovem inconformado apanha dos dominadores. Além desse, “Nhinguitimo” também seria exemplo

desse fato, quando Vírgula Oito, por ser preto, é solapado por Rodrigues.

É válido destacar que há outras possibilidades de exemplificação, podendo ser citado “Nós matamos o Cão Tinhoso!”, em que há a violência sobre o metafórico cão; “Inventário de imóveis e jacentes”, em que se nota pobreza passiva de uma família cujo pai foi preso; “As mãos dos pretos”, em que se mostram várias justificativas racistas.

- b) A ilustração de Bertina Lopez apresenta um ser que ergue os braços numa atitude de rendição. Essa atitude de submissão revoltada, porém estratégica, perante a violência da então metrópole lusa permeia os contos, como ocorre em “Dina”, quando Madala prefere não reagir ao estupro que o capataz branco faz com sua filha, Maria; em “Papá, cobra e eu”, o pai de Ginho não enfrenta o Sr. Castro, personagem de condição social superior, que exige indenização pelo cão Lobo, morto por uma cobra na propriedade da família de Ginho.

É importante ressaltar que o vestibulando tem outras possibilidades de justificativa baseando-se em outros contos de *Nós matamos o Cão Tinhoso!*

Além disso, essa capa apresenta processo monocromático, no qual se nota um elemento triste, tenso e sombrio, com olhares reprimidos, como se estivessem atrás de grades. Essa tensão remete à opressão gerada pelo colonizador em território moçambicano.

“Multiplicam-se as situações em que dizem, no Brasil, que vai mal a língua portuguesa. Irá mal, de fato, o vernáculo no Brasil? Claro que não. Vai muito mal a expectativa de alguns, até numerosos, sem dúvida, que, desligados da realidade da nação brasileira, desejam recuperar algo que nunca fomos e, por isso, não assumem de fato o que nos legou e lega a nossa própria história.”

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo, Parábola, 2004, p.11.

- a) O texto contrapõe dois posicionamentos sobre o uso da língua portuguesa no Brasil. Quais são eles?
- b) Qual o efeito expressivo que a autora obtém ao optar pela inversão sintática em “irá mal, de fato, o vernáculo no Brasil”?

Resolução

- a) Os dois posicionamentos contrapostos no texto são: de um lado, há quem critica a variedade brasileira da língua portuguesa, pois ela se distancia do padrão culto; de outro lado, há quem elogia a variedade, visto que as mudanças linguísticas são reflexos da história, dentro das diferentes influências (indígenas, africanas, entre outras) que enriqueceram a língua no Brasil.
- b) O efeito obtido pela inversão da ordem sintática, que não segue o padrão sujeito, verbo, complemento e adjunto, é o de enfatizar que a concepção da língua portuguesa é o centro da discussão, visto que o sujeito está posposto ao verbo e é o predicado que tem destaque na frase.



- Explique de que forma humor e crítica se combinam, na tirinha, para tratar do uso da inteligência artificial na sociedade contemporânea.
- Construções adversativas e concessivas desempenham funções lógico-semânticas similares. Transforme a fala do empregador, presente no último quadro, em um período com estrutura concessiva, fazendo as alterações necessárias para que o sentido seja mantido em coerência com a tirinha.

Resolução

- A tirinha critica o uso das Inteligências Artificiais (IAs) tanto por estudantes que as utilizam para realizar trabalhos acadêmicos e escolares, que deveriam ser feitos por eles mesmos, quanto pelo fato de as IAs ocuparem os postos de trabalho remunerados almejados pelos mesmos estudantes que delas se aproveitaram. Dessa forma, humor e crítica se combinam para questionar o impacto das IAs na educação e no mercado de trabalho.
- Embora (Ainda que, mesmo que) suas notas sejam boas, não temos vagas de emprego no momento.

A bola rola na língua

Valência, volância, centroavância, pressão alta e jogadores frescos. Conheça o novo vernáculo

Se há duas coisas que me empolgam são o futebol e a língua portuguesa. Elas se fundem e se completam na transmissão dos jogos pela televisão. Rara a semana em que não vibro com alguma contribuição à língua pelos narradores e comentaristas — e estou falando sério. O futebol é um universo dinâmico, em permanente expansão, o que obriga os profissionais do microfone a complexos malabarismos imagéticos para fazer jus a ele.

Dois desses malabarismos, hoje em vasto uso, se referem à bola. Ou ela beija a trave ou vai morrer na bochecha da rede. A imagem do beijo na trave poderia ter saído do grande Augusto dos Anjos. Quanto à bochecha da rede, imagino que, se existe, implicará também a existência de uma gengiva, úvula ou amígdala da rede.

O que mais tenho admirado, no entanto, é o criativo uso da palavra valência para definir esta ou aquela qualidade de um jogador. Imagino que dela tenham saído as novas definições de funções em campo: a volância, referente aos volantes, e a centroavância, aos centroavantes.

CASTRO, Ruy. Folha de S. Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2024/07/>
(Adaptado).

- a) No segundo parágrafo, o autor trata de duas construções que vêm se destacando na narração de jogos de futebol: (i) *a bola beija a trave* e (ii) *a bola vai morrer na bochecha da rede*. Explique, valendo-se dos seus conhecimentos sobre figuras de linguagem, os processos conotativos envolvidos na formação dessas expressões.
- b) No último parágrafo, o autor aplica, de forma humorística, um dado esquema de sufixação. Descreva como as palavras *volância* e *centroavância* foram formadas e explique qual o significado que se pode atribuir ao sufixo.

Resolução

- a) No trecho “a bola beija a trave”, o recurso expressivo usado é **prosopopeia ou personificação, figura que atribui características humanas a seres inanimados**. Em “a bola vai morrer”, há também **prosopopeia ou personificação**; em “na bochecha da rede”, há **metáfora, já que ocorre uma comparação implícita entre o formato da rede quando a bola entra no gol e uma bochecha**.

b) As palavras “volância” e “centroavância” são formadas por derivação sufixal, ou seja, pelo acréscimo de sufixo aos vocábulos “volante” e “centroavante”, nomes que designam os jogadores de futebol de acordo com suas funções e posições no campo. O sufixo “-ância”, nesse caso, indica ação ou qualidade própria dos jogadores que devem atuar no meio-campo, volante, e tentar fazer gols, centroavante ou atacante. O autor entende que criativamente, assim como “valência” para definir qualidades de jogadores, “volância” e “centroavância” são definições novas para nomear funções em campo.

A composição a seguir é parte de uma campanha de incentivo à coleta seletiva promovida pela Secretaria do Meio Ambiente do Distrito Federal. Campanhas dessa natureza se valem de uma diversidade de recursos imagéticos e verbais para atrair a atenção do público-alvo e persuadi-lo a adotar novos hábitos em relação a alguma pauta de relevância social; no caso, em relação ao meio ambiente.



- a) Explique como os recursos imagéticos e verbais são combinados para persuadir o público-alvo da campanha a fazer a coleta seletiva.
- b) Uma das estratégias para captar a atenção do público-alvo é o humor, e um dos recursos eficazes para gerar esse efeito é a polissemia. Explique como a polissemia da palavra “destino” gera efeito humorístico e capta a atenção do leitor.

Resolução

- a) Quanto à imagética, a persuasão é obtida pelo emprego de personificação do coco e do canudo, que apresentam olhinhos e estão tristes porque vão acabar separados.

Quanto aos aspectos verbais, o texto inicial faz referência ao encontro do coco com o canudo como uma relação romântica.

A palavra “separados” está visualmente dividida para indicar os diferentes destinos das duas personagens. Visualmente, a palavra “destino” está destacada pela cor laranja, contendo o símbolo da reciclagem na letra “o”, e é um termo central para a construção da campanha.

- b) A polissemia da palavra “destino” se constitui pela dupla interpretação contextual: tanto se refere ao futuro do romance do coco com o canudo, que não irá prosseguir, quanto à destinação de cada objeto (um será encaminhado ao lixo reciclável e o outro, ao orgânico).

O texto a seguir é um fragmento de uma entrevista concedida pelo escritor e ativista socioambiental Ailton Krenak à jornalista Carol Macário (UOL-RJ).

Dados estatísticos são importantes para entender que metade das pessoas que votam no Brasil acreditam em *fake news*. Acreditam que está tudo bem na Amazônia e que quem atrapalha são as ONGs. Eu penso: será que essas pessoas são tão ignorantes que não são capazes de ver o que está acontecendo lá?

Não, elas não são. Porque elas não querem. Elas são negacionistas. A gente não pode ser ingênuo de achar que as pessoas estão querendo uma informação para que então possam mudar de ideia.

Por isso que eu acho que a ideia de combater deveria ser questionada. Em vez de jogar pérolas para os porcos, a gente deveria descobrir as camadas resilientes da sociedade e trabalhar com elas.

Quem sabe é possível identificar, na complexa sociedade moderna, os campos de resiliência social e investir neles. Seria uma comunicação pacífica e empática, para a gente ampliar o campo do conhecimento e não perder tempo com baixaria.

A gente precisa experimentar um outro fluir da vida. Porque a própria ideia de combater é uma ideia engajada na necropolítica. Quando a gente convoca uns aos outros ao combate, nós estamos aderindo à narrativa necropolítica. Porque o combate pressupõe um vencedor e um vencido.

A ideia da expressão embate é menos violenta do que combate, porque você pode experimentar uma situação onde as ideias estão em questão. Conceitos, ideias e narrativas são embates. Quando a gente vai para esse lugar do combate, a gente já está armado até os dentes. A gente não ouve o outro e nem o outro vê. É no escuro, na treva.

Disponível em <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/06/05/>

(Adaptado).

- a) Levando-se em consideração os elementos presentes na formação da palavra “necropolítica” e os argumentos utilizados no texto, explique por que “a ideia de combater é uma ideia engajada na necropolítica”.
- b) Em sua fala, Ailton Krenak utiliza a expressão “jogar pérolas para os porcos”. De acordo com o texto, a que se referem as palavras “pérolas” e “porcos”?

Resolução

- a) “Necropolítica” é uma palavra formada pela junção do prefixo “necro”, que significa “morte”, com o substantivo “política”; assim, o novo vocábulo refere-se ao uso do poder institucional para decidir quem vive e quem morre. Levando em consideração os elementos que formam esse termo e o sentido empregado no texto, a ideia de necropolítica se associa aos negacionistas, contra quem, afirma o autor, não se deve combater porque eles não mudam de ideia. “Combater” nesse caso, seria um dos mecanismos da expressão da violência que a necropolítica implica, já que os negacionistas e ignorantes não agem de outro modo por não compreenderem outras visões de mundo, agem apenas atacando violentamente aqueles que entendem como oponentes. Sendo assim, o autor afirma que é preciso trabalhar com as camadas mais resilientes da sociedade, com as quais o diálogo seria possível, trocando, portanto, “combate” por “embate”, “porque você pode experimentar uma situação onde as ideias estão em questão”.
- b) O ditado popular “não dar pérolas aos porcos”, nesse caso, significa “não fornecer argumentos para quem não tem capacidade de entendê-los”. O ditado foi usado pelo autor para exemplificar a ineficácia de tentar discutir com os negacionistas, os ignorantes, aqueles que não querem conhecer os fatos e que são incapazes de mudar de opinião, representados metaforicamente pelos “porcos”. Quanto às “pérolas”, são os argumentos usados na tentativa de convencer ou mudar as opiniões desses negacionistas.

Redação



Texto 1:

“Rubião, de cabeça, subscreveu logo uma quantia grossa, para obrigar os que viessem depois. Era tudo verdade. Era também verdade que a comissão ia pôr em evidência a pessoa de Sofia, e dar-lhe um empurrão para cima. As senhoras escolhidas não eram da roda da nossa dama, e só uma a cumprimentava; mas, por intermédio de certa viúva, que brilhara entre 1840 e 1850, e conservava do seu tempo as saudades e o apuro, conseguira que todas entrassem naquela obra de caridade”.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. Capítulo XCII.

Texto 2:

As associações de indivíduos da mesma espécie constituem inumeráveis sociedades. Assim como as relações sociais, a vida é constituída por simbioses – associações duráveis e reciprocamente proveitosas entre seres de espécies diferentes.

Edgar Morin. *Fraternidade. Para resistir à crueldade do mundo*.

Adaptado.

Texto 3:

“Já estávamos em Uidá havia quase duas semanas quando comecei a perceber como o Akin era esperto e inteligente. Ele conhecia quase todos os donos das lojas, pois de vez em quando fazia alguns trabalhos para eles, como limpar o chão, levar recados ou entregar encomendas. Foi dele a ideia de andar comigo e com a Taiwo pelas lojas e pedir presentes em nome dos Ibêjis [assim são chamados os gêmeos entre os povos iorubás], qualquer coisa, desde que não fizesse falta (...). Quando voltamos para casa, foi porque não conseguíamos mais carregar todos os presentes que ganhamos, e a minha avó novamente ficou brava, mas, no fundo, acho que gostou. A Titilayo riu e disse que éramos mais espertos do que ela imaginava, mas que não devíamos fazer aquilo novamente porque os tempos estavam difíceis e as pessoas poderiam não ter o que dar. Como ninguém gostava de recusar presentes aos Ibêjis, acabavam gastando o que não podiam ou se desfazendo do que precisavam, sem contar que ainda tinham que economizar dinheiro para quando começasse a época das chuvas, em que quase não havia movimento no mercado, nem o que vender ou colher, e faltava trabalho para muita gente. Os rios e lagoas transbordavam, engolindo as

terras e os caminhos e dificultando os negócios. O Akin disse que então só pediríamos nas casas dos ricos, dos comerciantes que vendiam gente e moravam do outro lado da cidade. O Ayodele, que tinha voltado dos campos de algodão, avisou que não era para irmos lá de jeito nenhum, pois eles nos colocariam dentro de um navio e nos mandariam como carneiros para o estrangeiro”.

Ana Maria Gonçalves. *Um defeito de cor*.



Yhuri Cruz. *Ibeji*, 2022.

Museu de Arte do Rio.

Texto 4:

O mundo produz alimentos mais do que suficientes para erradicar a fome. Coletivamente, não nos faltam conhecimentos nem recursos para combater a pobreza e derrotar a fome. O que precisamos é de vontade política para criar as condições para expandir o acesso a alimentos. À luz disso, lançamos a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza e saudamos sua abordagem inovadora para mobilizar financiamento e compartilhamento de conhecimento, a fim de apoiar a implementação de programas de larga escala e baseados em evidências, liderados e de propriedade dos países, com o objetivo de reduzir a fome e a pobreza em todo o mundo. Nós convidamos todos os países, organizações internacionais, bancos multilaterais de desenvolvimento, centros de conhecimento e instituições filantrópicas a aderir à Aliança para que possamos acelerar os esforços para erradicar a fome e a pobreza, reduzindo as desigualdades e contribuindo para revitalizar as parcerias globais para o desenvolvimento sustentável.

Declaração de Líderes do G20. Rio de Janeiro, 2024. Brasil.

Adaptado.

Texto 5:

“Mas se você achar
Que eu tô derrotado

Saiba que ainda estão rolando os dados
Porque o tempo, o tempo não para
Dias sim, dias não
Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
Da caridade de quem me detesta”.

Cazuza. *O tempo não para.*

Texto 6:

“Porque – guarde isto! – porque o homem, por mais ignorante que seja, por mais cego, por mais bruto, gosta de ser tratado como gente.”

Ruth Guimarães. *Água funda.*

Considerando as ideias apresentadas nos textos e outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema:
As relações sociais por meio da solidariedade.

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva com letra legível e não ultrapasse a quantidade de linhas disponíveis na folha de redação.

Comentário à proposta de Redação

O tema proposto, a ser desenvolvido numa dissertação argumentativa, foi: “As relações sociais por meio da solidariedade”. Seis textos foram oferecidos como base para a produção do candidato. O primeiro, um fragmento do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, relatava um episódio em que a personagem Rubião tentava angariar ajuda para Sofia, mas enfrentava a resistência das “senhoras escolhidas”, só vencida com a ajuda de uma “certa viúva” que, tendo outrora brilhado na sociedade, acabou por convencê-las a fazer um ato de caridade. Já no segundo texto, extraído do livro *Fraternidade. Para resistir à crueldade do mundo*, o sociólogo Edgar Morin afirmava serem as relações sociais semelhantes à vida, ou seja, seriam construídas por simbioses e reciprocidades entre “inumeráveis sociedades”. No terceiro texto, retirado do romance intitulado *Um defeito de cor*, a escritora Ana Maria Gonçalves narrava o percurso de irmãs gêmeas que, passeando pela região de Uidá, foram ciceroneadas por um garoto “esperto e inteligente” que, conhecendo a maioria dos comerciantes locais, teve a ideia de pedir-lhes presentes em nome dos Ibêjis

(gêmeos entre os Iorubás), a quem nunca se recusavam presentes. Na volta para casa, à qual chegaram carregados, foram repreendidos pela avó, que os alertou sobre as dificuldades que aqueles comerciantes, a despeito de sua generosidade, enfrentavam em determinadas épocas do ano por causa das enchentes, que impediam tanto o plantio quanto a colheita. O garoto – Akin – teria sugerido que passassem a pedir apenas aos comerciantes ricos que moravam do outro lado da cidade, os quais eram conhecidos pelo tráfico humano – o que representava um sério risco, uma vez que, segundo Ayodele, não hesitariam em enviá-los para o “estrangeiro”. O quarto texto, adaptado da Declaração de Líderes do G20, convocava “todos os países, organizações internacionais, bancos multilaterais de desenvolvimento, centros de conhecimento e instituições filantrópicas” a aderir à Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, a fim de unirem esforços na erradicação da fome e da pobreza, tendo em vista que não há justificativas plausíveis para a existência de milhões de miseráveis, já que o mundo não só conta com recursos para eliminar a fome, mas também dispõe de conhecimentos e recursos para tanto. O quinto texto, um trecho da música “O tempo não para”, atribui à dinâmica do tempo as mudanças, sem qualquer certeza em relação aos dados que continuam rolando, assegurando a sobrevivência de uma caridade ilegítima por ser praticada talvez por causa de convenções sociais. No último texto, fragmento do livro *Água funda*, Ruth Guimarães afirmava que o ser humano, por mais ignorante e atrasado que seja, “gosta de ser tratado como gente”.

Após refletir sobre as ideias e informações contidas nos textos apresentados pela Banca Examinadora, o candidato deveria proceder à própria análise do tema proposto, avaliando em que medida as relações sociais são permeadas pela solidariedade – ou seja, quais seriam os impulsionadores da solidariedade, muitas vezes praticada em situações trágicas, pontuais, mas esquecida em meio a um cotidiano marcado pelo individualismo que a sociedade capitalista incentiva por meio da competitividade. Caberia, ainda, destacar uma espécie de paradoxo observado entre várias culturas: pessoas de baixa ou média renda tenderiam a ser mais solidárias com os necessitados do que as pertencentes a classes A e B, em geral mais afeitas a propagar quaisquer gestos solidários que protagonizem, a fim de impressionar positivamente seus iguais, numa atitude semelhante à descrita por Cazusa, aludindo à “caridade” dos

que o detestam. Seria apropriado, também, apontar a falta de interesse, por parte dos países detentores de riqueza, em pôr fim à pobreza, como se isso não os afetasse, ainda que já tenha sido provado que o desenvolvimento sustentável implica necessariamente a melhora das condições de vida de todos os habitantes do planeta. Nesse cenário, ainda que seja em nome da autopreservação, a solidariedade deveria ser um pressuposto básico entre os seres humanos.

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO

OBJETIVO